

FORCE OF EVIL / 1948

um filme de Abraham Polonsky

Realização: Abraham Polonsky / **Argumento:** Abraham Polonsky e Ira Wolfert, segundo o romance "Tucker's People" de Ira Wolfert / **Fotografia:** George Barnes / **Direcção Artística:** Richard Day / **Montagem:** Arthur Seid/ **Música:** David Raksin/ **Intérpretes:** John Garfield (Joe Morse), Thomas Gomez (Leo Morse), Marie Windsor (Edna Tucker), Howland Chamberlin (Freddy Bauer), Roy Roberts (Ben Tucker), Paul Fix (Ficco), Stanley Prager (Wally), Barry Kelley (Egan), Paul McVey (Hobe Wheelock), Beatrice Pearson (Doris Lowry), Jack Overman (Juice), Tim Ryan (Johnson), Barbara Woodell (Mary), Raymond Largay (Bunte), Beau Bridges (Frankie Tucker), etc.

Produção: Robert productions Inc; Enterprise Studios, para a M.G.M. / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em espanhol e electronicamente em português, 78 minutos/ **Estreia Mundial:** EUA, em 25 de Dezembro de 1948 / **Inédito comercialmente em Portugal; exibido na RTP.**

Force of Evil é um filme deveras significativo na produção americana dos anos 40, apesar do seu fracasso comercial. Significativo em especial no universo do *filme negro* em que se inclui de pleno direito. Se neste campo, faltam a **Force of Evil** alguns dos temas e fórmulas mais frequentes no género (ausência de mulher fatal, uso do *flashback*, mas a voz *off* de abertura em que a personagem de Joe Morse/John Garfield dá conta dos seus projectos de sucesso financeiro, surge como uma espécie de *flashforward*), a sua construção e a exploração de temas como a corrupção, o gangsterismo, as apostas ilegais, etc., trazem bem patentes as marcas do negro. Mas a sua importância não radica apenas nestes pormenores, e sim, principalmente, em dois nomes a ele ligados, o realizador e argumentista Abraham Polonsky e o intérprete John Garfield. Os dois iriam também, pouco depois da produção do filme, ser dois dos alvos da famigerada "caça às bruxas" do senador McCarthy, o segundo vítima de um ataque cardíaco devido ao stress provocado pelo conflito, pouco depois de ter acabado a rodagem de **He Ran All the Way**, e Polonsky atirado para a "lista negra" por quase duas décadas, forçado a trabalhar sob nome suposto, para cinema e televisão, só sendo autorizado a usar o seu nome para assinar o argumento de **Madigan**, realizado por Don Siegel em 1968.

Polonsky, cujo nome completo é, significativamente, Abraham Lincoln Polonsky, nasceu em Dezembro de 1910, foi sempre um homem de esquerda e membro do partido comunista, facto que era conhecido do FBI. Formado em Direito, entregou-se à luta sindical na segunda metade dos anos 30, organizando os trabalhadores da General Motors, ao mesmo tempo que se dedicava à escrita. Durante a guerra a Paramount quis contratá-lo como argumentista, mas anti-nazi convicto, Polonsky preferiu aderir ao O.S.S., trabalhando em operações secretas, e participando na Resistência francesa. O contrato com a Paramount foi assinado mas só para entrar em vigor no fim da guerra. O resultado desta colaboração não foi, porém, satisfatória, dado que o único argumento que lhe deram foi o de **Golden Earrings/A Cigana Feiticeira**, de Mitchell Leisen, sendo o seu trabalho, segundo

afirmações suas, ignorado. Polonsky abandonou a Paramount para se juntar a John Garfield na sua companhia Enterprise Productions. Polonsky vai escrever para Garfield o argumento de **Body and Soul**, que lhe valeu uma nomeação para o Oscar, e o actor estimula-o a passar à realização para ter maior controle dos seus argumentos, que falhara anteriormente (mesmo em **Body and Soul**). O projecto comum de Polonsky e Garfield era a adaptação do romance de Ira Wolfert, *Tucker's People*, uma poderosa crítica ao capitalismo e à corrupção. O primeiro argumento, escrito pelo próprio Wolfert, seria remodelado por Polonsky que lhe imprimiu uma tónica mais agressiva e pessimista. Produzido pela Enterprise de Garfield, o resultado foi uma das obras-primas do género, e **Force of Evil**, que foi também uma das suas produções mais baratas, foi reconhecido como um clássico. Porém, tal reconhecimento só viria mais tarde. Na altura, pois devido à falência da Enterprise, provocada pelo "flop" da sua mais ambiciosa produção, **Arch of Triumph/Arco do Triunfo**, de Lewis Milestone, o filme passaria para a M.G.M. que o distribuiria em programa duplo. Entretanto Polonsky fora parar à lista negra, Garfield falecera e o filme seria praticamente esquecido, até ser recuperado décadas depois. Polonsky, como dissemos, sobreviveria com pseudónimos (um dos seus argumentos seguintes foi o de **Odds Against Tomorrow/Homens no Escuro**, (que também faz parte deste Ciclo), realizado por Robert Wise em 1959, e só voltaria à direcção em 1968 com **Tell Them Willie Boy Is Here/O Vale do Fugitivo** e dois anos depois, **Romance of a Horse Thief/Romance de Um Ladrão de Cavalos**, seria o seu último filme.

John Garfield tem em **Force of Evil** uma das suas mais poderosas interpretações, que talvez seja apenas superada pelo seu último trabalho, **He Ran All the Way**. Ele é Joe Morse, um homem ambicioso e sem escrúpulos, disposto a fazer rapidamente, em começo de carreira de advogado, o seu primeiro milhão de dólares (profissão "de fé" manifesta logo ao começo em voz off). Para isso planeia um esquema nas apostas ilegais que trará uma fortuna ao chefe do gang, Tucker, que as organiza. O seu irmão, Leo Morse (Thomas Gomez), que cuidara de Joe e pagara a sua educação, está envolvido no mesmo sistema mas preza uma certa honestidade da relação com os apostadores, evitando que estes caiam em armadilhas. Joe tenta que o irmão integre o grupo de Tucker, mas Leo recusa. O confronto sujeitará Leo a uma pressão constante e a ameaças que culminará num rapto pelos homens de Tucker e na sua morte por ataque cardíaco. Num final fabuloso, Joe irá expor todo o esquema de Tucker às autoridades. Se **Force of Evil** é, como foi referido por alguns críticos, uma parábola sobre Caim e Abel, é também, e principalmente, uma parábola sobre o capitalismo e a forma como o sistema "trabalha" o dinheiro, como o "justifica" e o manipula. Polonsky expõe o drama de uma forma dura e agressiva. Contrariamente a outros, o filme toma partido, reforçado pelo próprio estilo do realizador, com a utilização notável da iluminação e do preto e preto fotografado por George Barnes e em ângulos e enquadramentos que reforçam a situação de angústia e inquietação, em especial no notável uso dos picados e contra-picados, e no soberbo final junto da ponte, em busca do cadáver de Leo. Um filme magnífico, sempre actual.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico